

MASSACRES EM ESCOLAS

Quando comentei com meu amigo caçara, aquele de observações rústicas mas inteligentes, que o CEO da Associação Nacional do Rifle havia dito, a propósito da celeuma em torno da aquisição de armas nos Estados Unidos, que esse é um direito “dado por Deus” aos americanos, e que os defensores do controle querem instalar o “socialismo europeu no país”, sua observação, como de hábito, saiu curta e grossa: “Ideias de jerico, dependesse de mim seria demitido na hora...”

A celeuma que se instalou e foi repercutida pelos meios de comunicação, teve origem no atentado de Parkland, sul da Flórida (ainda que o tema já venha sendo discutido há várias décadas), em que um jovem de dezenove anos matou a tiros nada menos do que dezessete estudantes da escola Marjory Stoneman Douglas. Não se trata, porém, de fato isolado. Com efeito, muitos ainda devem estar lembrados dos massacres da Columbine High School, em 1999 (quinze mortos), Virginia Tech, em 2007 (trinta e três mortos) e Sandy Hook, em 2012 (vinte e oito mortos), que antecederam este último nos Estados Unidos. Nem se cuida de privilégio (privilégio???) americano. Em creche belga, em janeiro de 2009, um maluco esfaqueou várias pessoas e matou três, duas delas bebês com menos de um ano de idade. Na Escola Ikeda, no Japão, em junho de 2001, outro maluco matou a facadas oito crianças de primeira infância. Em Erfurt, na moderna Alemanha, em agosto de 2002, ex-aluno de dezenove anos, algum tempo antes expulso da escola Gutenberg, matou a tiros dezessete pessoas e em seguida se matou. Um dos casos mais emblemáticos, contudo, aconteceu na escola de engenharia da Universidade de Montreal, em dezembro de 1989: Marc Lepine, que simplesmente odiava feministas, entrou no local munido de rifle semi-automático, enfileirou oito moças estudantes e abriu fogo contra elas, matando-as, fazendo o mesmo com outras pessoas que se encontravam no prédio. Suicidou-se em seguida. Até mesmo aqui no Brasil, país conhecido pela população tolerante e amável, em abril de 2011, na Escola Municipal Tasso da Silveira, no Realengo, periferia

do Rio de Janeiro, jovem estudante, ao que se apurou vítima de *bullying”, disparou mais de uma centena de tiros contra colegas, matando doze adolescentes e suicidando-se após.

Tenho para comigo que, não obstante prováveis doenças mentais instaladas na cabeça desses jovens matadores, que somente psicólogos têm condições de explicar, o fator talvez mais determinante para seu insólito comportamento é a falta de consciência segura da sobrevivência do espírito, que vai sofrer as consequências dos próprios atos, conforme a lei de causa e efeito. Embora tal explicação esteja mais para a religião do que para a ciência, a verdade histórica é que a crença na sobrevivência do espírito vem de tempos imemoriais.

O que me deixou perplexo, contudo, nesse imbróglio todo, foi a idéia do folclórico presidente americano de conferir bônus a professores que portem armas nas salas de aula, não somente para autodefesa, como também para defesa dos alunos. A questão que se coloca é se tal providência pode ou não ser definida como ação educativa, que é o que se deve fazer nas escolas. A resposta parece-me óbvia.

Mas aqui também cabe, por mais árduas sejam as questões, um exercício teórico apto a fechar a crônica com pitada de humor. Fico imaginando, com efeito, o que seria dos professores das favelas dominadas pelo tráfico de drogas que portassem, à cintura, um simples revólver (quase ia escrevendo, vejam só a cilada mental de que escapei, “um inocente revolver”), ao ouvir de um dos alunos: “Xi..., tio, meu pai não usa mais isso, não. O que ele tem é uma AR-15...”

Darly Viganó

darly.vigano@gmail.com

